



Encontro Nacional dos  
Estudantes de Arquivologia  
De 11 a 15 de Julho de 2016



**Título:** O documento dentro do contexto das atuais sociedades do conhecimento.

**Autor:** Eloisa Pereira do Nascimento e Michele Mascarenhas

**Apresentação:** Pôster

**Instituição:** Graduada de Arquivologia, UNESP-Marília-SP

E-mail: [nascimento.elo@hotmail.com](mailto:nascimento.elo@hotmail.com)

**Resumo:** Nesta pesquisa busca-se investigar a ampliação do conceito de documento na atual era da informação e do conhecimento. Procura-se, portanto, analisar os processos de produção e circulação da informação e o seu novo estatuto no contexto do capitalismo cognitivo e, em que medida, aquilo que denominamos “documento” poderia se transformar numa espécie de agenciador de memórias fluídas. Em outros termos, nossa hipótese passa pela complexidade do conceito de documento como meio capaz de definir a cultura e as atuais relações sociais próprias da modernidade líquida (Bauman, 2001). De outro modo, compreendemos que a questão do acesso, do reconhecimento e do uso da informação e da memória deve ser entendida enquanto mecanismos agenciadores de um tipo específico de conhecimento e de novos saberes no contemporâneo. Nesse sentido, faz-se necessário a reflexão sobre o acesso e circulação da informação, seus usos e significações no âmbito das instituições e por meio das memórias existentes que promovem uma espécie de ecossistema cognitivo. É importante entender que aquilo que dá qualidade documental a uma determinada informação encontra-se em processo amparado pelo desenvolvimento técnico, científico e comunicacional que criam novos suportes e novas linguagens.

**Palavras-chave:** documento, arquivo, memória, cognição.

## **1. INTRODUÇÃO:**

O objetivo desta pesquisa é o de investigar a ampliação conceitual daquilo que denominamos de documento dentro do contexto das atuais sociedades do conhecimento. Entretanto, para que isso seja possível, é importante entender que aquilo que dá qualidade documental a uma determinada informação encontra-se em processo amparado pelo desenvolvimento técnico, científico e comunicacional que criam novos suportes e novas linguagens nas quais o conhecimento é transmitido pela tradição.

Por outro lado, procuramos analisar em que medida os processos de produção e circulação da informação possuem um estatuto diferenciado dentro do contexto do capitalismo cognitivo ou trabalho imaterial, termos empregados pelos filósofos M. Lazzarato e A. Gorz, que diz respeito aos sistemas de produção e circulação de conhecimento que extrapolam a base fordista de divisão e acumulação de saberes. Ao contrário, para estes autores, nas sociedades líquidas, o conhecimento pressupõe a cooperação entre cérebros que já não se utiliza mais daquele modelo hierárquico e subordinado da produção serializada que caracteriza o trabalho na fábrica. Ou seja, toda ação e produção de informação ocorrem através de ações mútuas e voluntárias entre diferentes indivíduos e significa “agir sobre as crenças e sobre desejos, sobre vontades e inteligências, ou seja, agir sobre os afetos” (Lazzarato, 2006, p.110).

Compreender a produção do conhecimento contemporâneo a partir da ideia de cooperação e rede entre saberes faz-nos ampliar, por consequência, o próprio conceito de documento. De outro modo, isso significa revisitar aquela definição de Otlet (1907), para quem “os documentos consistiriam na representação ou expressão de objetos, fatos ou qualquer outra impressão por meio de sinais (escrita, pintura, diagrama, símbolos)” (OTLET, 1907, p.105-106, *apud* Rayward, 1997, p.11). Entretanto, acreditamos que haja na atualidade diferentes graus de amplitude neste conceito, já que, para nós documento poderia dizer respeito a toda e qualquer forma (formatação) de informação capaz de agenciar memórias fluidas que, por sua vez, expressariam tanto a cultura quanto as relações sociais na qual estão implicados.

Neste sentido, partimos da hipótese de que a questão do acesso, do reconhecimento e do uso da informação e da memória deve ser entendida enquanto mecanismos agenciadores de um tipo específico de conhecimento e de novos saberes no contemporâneo. É daí que observamos que as novas formas de organização da produção, criação e difusão da informação possuem características distintas daquelas próprias à lógica mercantilista do capital.

Além disso, entendemos que com as tecnologias do digital não é mais possível prender-se a apenas um formato específico de documento, já que o ambiente digital é construído por algoritmos nos abrindo a possibilidade de experimentar uma “cultura do imaterial” na qual o suporte aparece como algo intangível.

## **2. HIPÓTESES:**

- O conceito de documento possui um novo estatuto na sociedade da informação e conhecimento;
- A cultura imaterial produz novos suportes e formatos à informação documental;
- Os documentos seriam a expressão de memórias fluídas que são a expressão de outras culturas e relações sociais.

## **3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:**

O pensamento humano tem sido registrado por meio de sinais gráficos (alfabeto, número, traço), em diferentes formas (textos avulsos, livros, fotografias, esculturas, discos) e em vários tipos de suporte (pedra, tecido, couro, papel, plástico, metal), num processo dinâmico de comunicação de vivências, fatos e descobertas ao longo das gerações. Em geral, tais registros são entendidos como documentos, ou, mais recentemente, como informação. Mas em que base se dá esse entendimento? Afinal, o que vem a ser um documento? A pergunta se torna ainda mais instigante quando apresentada a partir do contexto da chamada sociedade da informação e do conhecimento. Isto porque a nítida fisicalidade dos documentos foi substituída por dígitos binários, invisíveis aos olhos humanos, fixados em bases magnéticas e óticas; a leitura, antes direta, passou a ser indireta, isto é, dependente de hardware e software; a visualização simultânea de suporte e informação deixou de existir e, como se não bastasse, há as bases de dados e os hipertextos, ou seja, “documentos” aparentemente ilimitados. A pergunta então é: são documentos?

Para Vicente Cortes Alonso (1989, p. 57) “documento é o testemunho da atividade do homem, fixado em um suporte perdurável [...]”. Já outra autora espanhola, igualmente consagrada, Antonia Heredia Herrera (1991, p. 121), entende que documento em um sentido muito amplo e genérico é todo registro de informação independentemente de seu suporte físico. Abarca tudo o que pode transmitir o conhecimento humano: livros, revistas, fotografias, filmes, microfilmes [...], mapas [...], fitas gravadas, discos, partituras [...], selos, medalhas, quadros [...] e de maneira geral tudo o que tenha um caráter representativo nas três dimensões e que esteja submetido à intervenção de uma inteligência ordenadora.

Em outro momento, Heredia Herrera (1991, p. 122) apresenta um conceito mais condensado de documento que guarda grande semelhança com o de Cortes Alonso. Por esse conceito, “documento é o testemunho da atividade do homem, fixado num suporte perdurável que contém informação.” E prossegue dizendo que o documento é [...] um objeto que conserva o vestígio da atividade humana; que serve para dar notícia de um fato, ficando essa notícia fixada no objeto. Apresenta-se, portanto, como um suporte material (pedra, pergaminho, papel, fita magnética, disco) em que um meio (escritura, pintura) fixa o conteúdo, a notícia (informação).

Já o autor Rodríguez Bravo prossegue suas reflexões sobre o que vem a ser documento a partir do pensamento de Jean Meyriat para quem embora os documentos escritos gozem de uma situação privilegiada em relação aos demais, não seriam os únicos com a missão de transmitir informação. Tal missão seria também a de documentos museológicos, objetos arqueológicos e mesmo uma bicicleta a qual [...] poderá conter no futuro informações para quem souber buscá-las, sobre os hábitos de entretenimento de finais do século XX, as técnicas empregadas para sua construção, etc (RODRÍGUES BRAVO, 2002, p. 86).

Finalmente, registremos algumas considerações de Rodríguez Bravo (2002, p. 94) sobre a questão do suporte. Para a autora, em que pese os questionamentos trazidos pela tecnologia digital, o suporte continua sendo “[...] um elemento a se considerar na noção de documento”. Assim, a partir do entendimento de documento como “a objetivação do conhecimento em um suporte”, segundo Lopez Yepes (apud RODRÍGUEZ BRAVO, 2002, p. 94), Rodríguez Bravo (2002, p. 94) deduz que é preciso que a mensagem e seu conteúdo informativo “[...] sejam retidos em um elemento material para que os sinais nele afixados possam ser conservados e transmitidos”. Dá-se, então, que para Rodríguez Bravo a ideia de documento envolve a vontade de um emissor, a função de informar e um suporte sobre o qual afixar seu conteúdo, sendo este entendido como mensagem, ou como informação em potencial até que alcance um receptor.

Entretanto, parece-nos que em todos os conceitos apresentados acima, a ideia de documento, que em muitos casos torna-se sinônimo de informação, ainda se alicerça num modelo cumulativo e linear de acesso, produção e circulação da informação, onde as relações entre emissor, receptor, mensagem, código, canal aparecem como elementos fixos que promovem uma comunicação simétrica e hierárquica entre o polo produtor e receptor da informação.

### **3.1 Documento como construção**

Em outras palavras, os tradicionais modelos informação e de comunicação compreendem que o suporte e ou os documentos são sempre elementos “neutros” e “prontos” dentro do processo de transmissão de mensagens ou sinais e, poucas vezes, compreendem-nos enquanto elementos agenciadores de processos “*contra-efetuação*” de conhecimento entre subjetividades distintas. Ou seja, aqui os documentos não são compreendidos como signos que indiciam ou indicam a possibilidade de um acontecimento, mas, enquanto símbolos de um evento construído *a priori*.

De outra forma, Lazzarato (2006) dirá que, tanto a comunicação quanto à informação agem no interior da criação dos possíveis para reduzir as relações de acontecimento e suas bifurcações imprevisíveis, suas aberturas problemáticas – que se expressam nos enunciados e nos signos – a uma simples transmissão de informação, a uma mera troca comunicacional.



“Nas teorias da comunicação e da informação, “as coisas já estão dadas”, estão prontas – o objeto, os meios linguísticos de representação, os próprios artistas (e também o público, devemos acrescentar), com sua visão do mundo. Lá com a ajuda de meios já prontos, à luz de uma visão de mundo já pronta, o artista (o público) refletem um objeto pronto e acabado” (LAZZARATO, 2006, p. 156).

Neste sentido, o documento nunca pode ser compreendido como uma informação pronta e acabada (oficial, institucionalizado), mas, ao contrário, como um de agenciamento construído através de memórias fluídas que estão abertas a uma multiplicidade de interpretações e sentidos. Ou ainda, o documento não é um simples reflexo ou expressão de um acontecimento preexistente, fora dele mesmo, já dado e pronto. Ele sempre implicará na descoberta de outras camadas documentais que cruzadas aparecerão como uma colcha olhares, ideias uma nova e não reproduzível, sempre relacionadas aos valores, crenças e atributos de uma certa cultura.

Como fala, Lazzarato, desde o final do século XIX, o poder das máquinas de expressão foi multiplicado pelos dispositivos tecnológicos de reprodução que agem a distância (rádio, televisão, internet). As redes e os fluxos de cooperação entre os cérebros, e as forças vivas que animam as redes (a memória e o seu *conatus*, a atenção), foram reduplicados pelas redes, fluxos e memórias artificiais. “Os processos de criação e efetuação de mundos serão doravante indissociáveis de uma política das redes, de fluxos e memórias artificiais. A circulação da palavra (agenciamento de enunciação), das imagens (percepção comum), dos conhecimentos, das informações e dos saberes é o lugar de enfrentamento, ao mesmo tempo, estético e tecnológico, espaço de uma batalha de criação do sensível e dos dispositivos de expressão que o efetuem”, (p. 159).

A ótica de Foucault (sobre o documento e a materialidade do enunciado é realizada em particular na perspectiva da História, procurando enfatizar as consequências a crítica ao documento: a multiplicação de descontinuidades e o abandono da ideia de uma história geral e a necessidade de uma metodologia. Para a documentação, a abordagem de Foucault põe em relevo a ideia de que o documento não é matéria inerte por meio do qual se tenta reconstruir o que foi dito. Ao contrário, documento é sempre construção, tendo como fundamento as escolhas realizadas em função do seu uso no interior mais amplo das práticas e relações sociais. A materialidade é relativa ao enunciado e ao documento e não se restringe a substância ou suporte de articulação, mas do que foi dito, registrado, institucionalizado.

## **Considerações Finais**

Com a preocupação do avanço tecnológico e suas interfaces com a integração das pessoas e de que maneira elas estão se colocando diante de um turbilhão de informações e conhecimentos adquiridos ao longo de sua vida. Os documentos e suas utilidades para nosso cotidiano, interagindo as informações adquiridas no dia a dia, através da nossa memória poderemos resgatar a informação como uma espécie de ecossistemas cognitivo, remetendo tudo que está a nossa volta de uma forma eficiente e rápida, podendo refletir toda essa informação adquirida e armazenada.



## **REFERÊNCIA**

BAUMAN, Zigmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro, Zahar, 2001.

FOUCAULT, M. Arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GORZ, A. O imaterial: conhecimento, valor e capital. São Paulo, Annablume, 2005.

LAZZARATO, M. As revoluções do capitalismo. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2006.

OTLET,

